

POVO

ALGARVIO

Semanário Regionalista

Director, Editor e Proprietário
Manuel Virgínio Pires

Redacção e Administração
 Rua Dr. Parreira, 13-Telef. 127-TAVIRA

Composição e Impressão
 Tipografia «POVO ALGARVIO» - Telefone 266 - TAVIRA

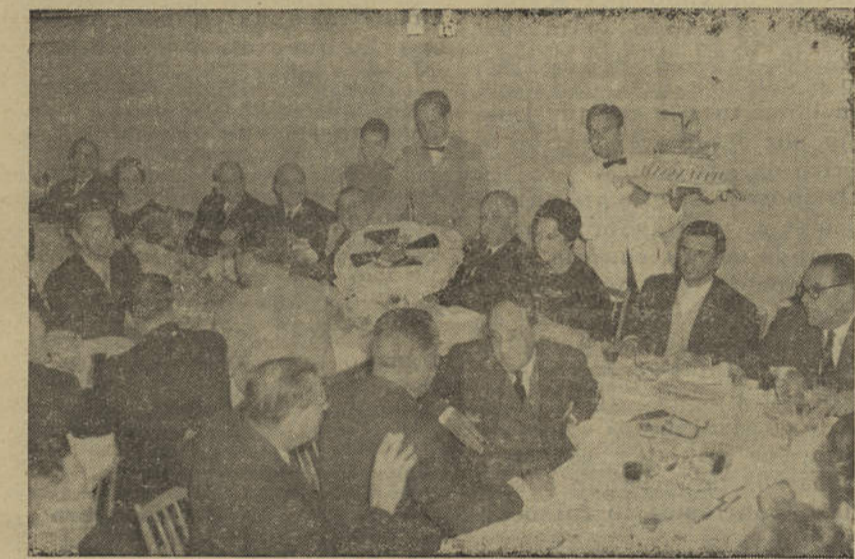
Um aniversário

Valorizando TAVIRA e o seu concelho

A «VELHA Balsa», cidade de nobres e gloriosas tradições, que vivia numa profunda modorra, onde o progresso era «letra morta» desde há três anos a esta parte, está a caminhar para um futuro mais risonho.

meçou, desde 25 de Fevereiro de 1959, a seguir novos rumos, rumos de autêntico e eficiente progresso.

Alheada numa ambiência de saudosismo, muito cheia de si, como se lhe bastassem os seus títulos honoríficos e as



Recordando — Um aspecto do banquete de homenagem ao Dr. Jorge Correia, promovido há um ano, no Hotel Vasco da Gama.

Tavira, essa «Bela Adormecida», que vinha vivendo presa ao seu passado, com pergaminhos de nobreza, qual descendente de boa família, recolhida num recanto do salão de um velho solar, indiferente à marcha dos acontecimentos do mundo exterior, absorva na poesia dos seus campos floridos, na beleza do seu mar, na contemplação das suas lindas colinas, dos seus miradoiros, das ameias do seu vetusto castelo, ouvindo o repicar festivo dos sinos das suas igrejas, cujas torres altaneiras, alvas como o arminho, são sentinelas vigilantes dos seus passos de cidade cristã e portuguesa, co-

suas belezas para viver, foi sacudida por ventos fortes, qual força anímica, despertando-a da incompreensível letargia, agitando tudo e todos e, eis que, ao fim duma jornada de

Continua na 2.ª Página

HOMENAGEM

AO
 Prof. Pavia de Magalhães

Nos dois últimos números do «Povo Algarvio», e em lugar de destaque, voltou a ventilar-se a ideia de se promover uma pública e justa homenagem à memória do saudoso tavirense e ilustre professor de música que foi Eduardo Pavia de Magalhães.

Subscreveram esses artigos, que mereceram o nosso inteiro apoio, os nossos prezados colaboradores srs. Luís Sebastião Peres e Sebastião Leiria.

Há, porém, um pormenor que é necessário esclarecer, não porque ele represente para a justa consagração em causa maior ou menor brilho de iniciativa, mas unicamente por significar a expressão da verdade.

Abre o nosso prezado amigo Sebastião Leiria o seu artigo de apoio à homenagem,

Continua na 3.ª página

Retalhos desta Lisboa!...

14 de Fevereiro ... Orfeão de Tavira! Não sei há quantos anos já, numa dessas festas de aniversário da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro — Clube a que sempre nos têm ligado os mais profundos laços de uma sentida saudade — dizíamos nós, nesse palco velhinho que

por Liberta Conceição

tantas vezes pisamos, os versos, que ainda agora, volvidos tantos anos, nos acodem à mente:

«O tempo passa a correr.
 Corre... corre e nem sequer,
 Se detém por um segundo!
 Parêce que vai cumprindo,
 Cruel promessa, fugindo,
 Em seu silêncio profundo!...»

Podem passar os anos na marcha inexorável da vida... mas nós continuaremos a recordar sempre essa mocidade já distante onde perpassam reminiscências do passado, sombras de um amor longínquo que o tempo se encarregou de ir esfumando como nuvem branca levada pela brisa, numa fria manhã de Dezembro!

Tantas recordações nos ligaram ao Orfeão que, agora, passados tantos anos, esta data ainda acorda em nós saudades que não morrem!...

Como num sonho estamos a recordar o Maestro José da Silva Domingues, batendo de porta em porta por essas ruas de Tavira, no anseio de conseguir juntar um grupo de rapa-

Continua na 3.ª página

REGRESSO

DE volta à pátria chegam, trazendo no fundo dos olhos quadros vivos da extensa viagem. Regozijam-se ao encontrar o horizonte da sua terra. Olham-no de extremo a extremo: A cercadura verde dos campos, remoçada e florida, sob o velário rosado da ante-manhã primaveril; casinhas brancas com o capelo escuro dos airosos telhados antigos, aglomerados ou dispersando-se

entre ramarias; as torres apuradas e finas, a faixa do rio que não se sabe se é lágrima que desce para o mar ou braço de água que o oceano estende para abraçar a cidade; os muros pedreses, o tapete das salinas e, no claro das areias, as ondas movendo-se incansáveis num eterno à vontade.

O primeiro cuidado vai para o cantinho do lar. Certificam-se de que, na verdade, ainda existe. Correm depois à fonte sua predilecta (como Beritos,

Continua na 3.ª página

PORTUGUESES PRIMEIRO QUE TUDO

Ao falar, há pouco, na assinatura do acordo colectivo assinado entre o Sindicato Nacional dos Tipógrafos e Ofícios Correlativos e a firma Manuel Guedes Lda. para os fundidores de tipo, o sr. Prof. Gonçalves de Proença, ilustre Ministro das Corporações referiu-se à gravidade do momento histórico que o país está a viver e manifestou a sua profunda fé nos destinos da Pátria e a sua total confiança em que a reintegração da Justiça e do Direito não tardará restituindo Portugal à plenitude da sua grandeza nacional, pois — disse — não é sobre a traição e o crime que se constrói a civilização, mas sobre o respeito, sobre os valores morais e espirituais que têm feito a grandeza das Nações. Quem

Continua na 2.ª página

TROVA

En adivinho o prazer
 Que tu sonhas em me dar;
 Os beijos são água pura
 Quando a sede é de beijar...

Isidoro Pires

UMA CARTA

Sr. Director do jornal «Povo Algarvio»

Foi com bastante agrado que, nas colunas do vosso conceituado jornal, vimos lançar a ideia de uma homenagem pública ao saudoso Maestro Eduardo Pavia de Magalhães. Gostaríamos de ter sido os primeiros a pugnar por tao justa causa, os primeiros a bradar aos tavirenses que um in-clito filho de Tavira, laureado na nobre arte da música, necessita que todos os seus conterrâneos continuem a reclamar o seu valor e o seu prestígio musical.

Foi com bastante agrado — dissemos — que vimos dois tavirenses, sempre alertas na defesa dos interesses desta cidade e dos seus valores, tomando a iniciativa de trazer a lume na campanha ora levantada nas colunas do «Povo Algarvio» a ideia deste preito de homenagem ao Maestro Eduardo

Continua na 2.ª Página

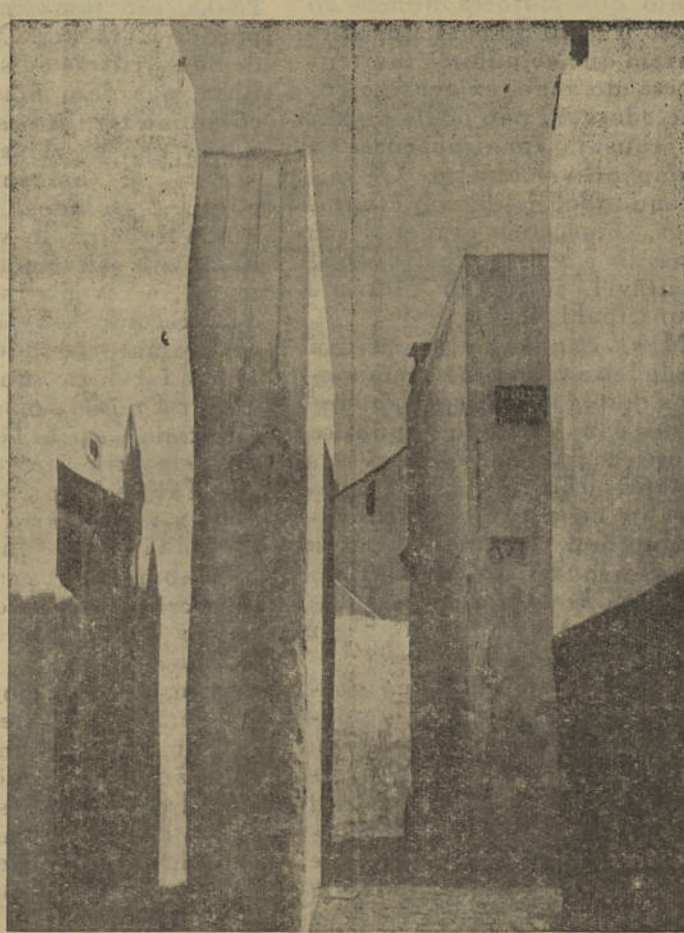
Aliança Francesa

Tem sido acolhida com grande interesse a ideia dos cursos de francês que se vão iniciar nesta cidade, promovidos pela Delegação da Aliança Francesa de Faro.

Já se encontram inscritas cerca de trinta pessoas.

Após o Carnaval, o nosso jornal indicará a data e hora do funcionamento dos referidos cursos.

Entretanto continuam a receber-se na nossa Redacção inscrições até ao fim da presente semana.



Helder Cavaco Azevedo - 1.º Prémio da Secção A - Trav. dos Abraços, Olhão no I Salão Algarvio de Arte Fotográfica, inaugurado ontem em Faro.

Teatro António Pinheiro

A Direcção do Teatro António Pinheiro informa o público de que a receita bruta do espectáculo que hoje se realiza reverte a favor do Hospital da Misericórdia da nossa cidade.

As árvores da Praça da República

vão ser arrancadas?

Há quem faça reparos ao pouco desenvolvimento que têm tido as árvores plantadas já há anos, na Praça da República, junto do edifício dos Paços do Concelho.

Atribuem o seu atrofiamen-to ao facto de infiltrações salinas, dada a proximidade do rio.

Se o seu aspecto, de facto, não é muito atraente, porque não têm copa frondosa, o que também é uma verdade é que aquelas ou outras árvores ali fazem falta e não prejudicam a estética do local.

Antes de tomar qualquer deliberação sobre o caso, a Câmara gostará de auscultar a opinião pública, porque arrancar árvores no Algarve, onde o sol de Verão aquece bastante, é problema sempre muito delicado.

Substituir aquelas por outras que se adaptem melhor à constituição do terreno, talvez seja de tentar depois de ouvida a opinião dos técnicos, mas experimentando primeiro com um exemplar, pois não vá repetir-se o caso dos arbustos que foram colocados na orla

Retalhos desta Lisboa!... Regresso

Continuação da 1.ª Página

zes e raparigas... homens de todas as condições sociais com que organizasse o seu orfeão. O Orfeão de Tavira de tão nobres tradições na Música e na Arte de Talma!

Vem a seguir o Dr. Frederico Chagas e Francisco Entrudo, o Dr. Jorge Braz, o Armando Fernandes, o Virgínio Pires, que ensaiaram e escreveram as revistas que tantos cabelos brancos puseram ao velho Maestro Franco, sempre incansável no martelar das teclas do lendário piano do Teatro António Pinheiro!

Seguem-se em tropel várias imagens desses tempos! O Teodoro Honorato, ha tantos anos ausente no longínquo Brasil, cantando:

Já se foi a gazogénio...
A do Pilar, vai à cunha!...
E passaremos o dia
Sem agarrar uma à unha!!!

A alegria irrequieta e esfuante do Dr. Renato Graça, quando cantava!

Vamos pr'a Sevilha!
Ver a Exposição...
Oh! que maravilha!
Passeio divinall
Que linda excursão,
Sem custar real!...

ou declamar, com profundo sentimento, versos ao «velhinho» relógio da torre de Santa Maria:

Apesar de tão cansado,
Eu hei-de, enquanto puder,
Contar com todo o cuidado,
O tempo que tem passado,
E as horas certas dizer!...

Orfeão de outros tempos... Os espectáculos de outrora, foram vividos por nós, mocidade de então, com um entusiasmo, uma dedicação, uma vontade de o servir, servindo Tavira, que estas recordações ainda hoje, tantos anos volvidos, resistem ao tempo e trazem-nos à memória factos e canções do passado!

Estou a ouvir o Zé Barão, cantando para a irmã — boa amiga que Deus nos deu para companheira das horas boas e más da vida — o Fado da Despedida, que o Carlinhos e o meu querido irmão Arnaldo, acompanhavam à guitarra e à viola:

Eu vou partir,
E a sorrir,
Mui de mansinho!
Digo baixinho,
P'ra não chorar,
Adeus! Adeus!...

Soam a seguir aos nossos ouvidos as gargalhadas alegres dessa boa Maria Adelaide, gritando cheia de embrulhos para o saudoso Manuel Palmeira:

Fui passear a Lisboa,
Mas que terrinha tão boa,
Que lindas coisas lá vi...
Os jardins... as avenidas...
Aqueles ruas compridss...
Oh! Tomé, segura aqui!!!

E ele, o Palmeira, com aquela expressão que só de lhe olhar o público ria, responder:

P'ra tratar da minha vista,
Eu fui a um especialista...
Não contas isso, Lili?!!

Do «sonho» dos comperes, Capitão Conceição e do San-

do jardim fronteira ao rio, que nunca mais se viram crescer.

Cautela com as experiências! Destruir é fácil, agora em contruir bom e belo é que está a virtude.

Apesar de estarmos em Domingo Magro não julguem os nossos leitores que se trata de brincadeira carnavalesca, não!

Projecta-se arrancar as árvores da Praça da República e nós temos muito prazer em colher alguns pareceres dos tavirenses. Sim, porque os de estranhos não nos interessam.

tana, quando, num banco do nosso jardim... aquele procurava o Fan-Fan-De-La-Tu-lipe!...

E o Domingos Soares a cantar!

Oh! graxa... quem quere,
Homem ou mulher!...

E tantos, tantos outros nomes nos acodem à mente que enumerá-los seria um nunca mais acabar... A Irene Silva, Olga Soares, Maria Catarina, Herculano Rocha, Sebastião Leiria... para não falar em tantos outros que há muito repousam no sono eterno!

Recordamos, finalmente, a apoteose da primeira revista do Orfeão, que terminava num hino à nossa querida cidade:

Velha mourisca branquinha,
Entre verdura tão densa,
Tavira, linda rainha,
Não tens rival que te vençal

14 de Fevereiro de 1962!...

Lembrando esta data restamos desejar que a nossa terra possa voltar, num futuro próximo, a ser aquilo que já foi no passado. Uma verdade no campo da Música e da Arte!

Tavira com a sua Bandal Tavira com o seu Orfeão e os seus grupos cénicos, não tinha, então, rival que a vencesse! Oxalá possamos dizer em breve:

Tavira, linda rainha,
Não tens rival que te vençal

Companhia Rafael de Oliveira As-

sistimos à première da Companhia Rafael de Oliveira, ali no pequeno e velhinho Teatro Avenida, desta Avenida da Liberdade, que, felizmente, retoma agora, de novo, a sua antiga fisionomia da mais linda artéria da sempre formosa Lisboa, depois dos atropelos a que a submetem as exigências do Metropolitano... e a má vontade de certos homens!...

Não podíamos ter faltado!

E, não quizesmos estar ausentes na hora em que a capital prestava — finalmente — justiça à Companhia Rafael de Oliveira, porque laços de amizade nos ligam à maioria dos elementos que a constituem laços cimentados nessa cidade do Gilão, que um dia viu chegar esses artistas, cansados, descrentes, desiludidos, magoados pela indiferença de muitos públicos!

Tavira, onde o entusiasmo pelo Teatro vinha de longa data, onde os grupos cénicos se sucediam, cultivando, em todas as camadas sociais, o gosto pela arte de Talma; onde a sua gente sentia e vibrava com a interpretação dos artistas, a ponto dos maiores nomes do nosso Teatro do passado, afirmarem que «o público tavirense era do mais exigente e conhecedor»... não podia deixar de causar «preocupações» à Companhia Rafael de Oliveira, quando, já lá vão tantos anos, começou a erguer o seu cansado e velho Teatro D's-montável, junto ao Mercado Municipal!

Mas... quando se sentem verdadeiramente os personagens que se interpretam, quando se constata que o público compreende e vibra com essas interpretações, vem ao de cima o valor do artista que encontra, no mais escondido da sua alma, o poder de exteriorização que o irmana com esse público que acaba por reconhecer o seu valor e a sua arte!

Foi o que aconteceu na nossa Tavira com esta Companhia! Af se encontraram a si próprios, de novo, os artistas que todos nós conhecemos! Af se moralizaram... af encontraram de novo, esperanças que julgavam mortas!... Foi em Tavira que a Companhia Rafael de Oliveira, depois de longos anos pela Província iniciou o seu período de ressur-

Continuação da 1.ª Página

na costa fenícia, Tavira é a cidade das fontes). Conversam com ela, prodigalizando gestos e... «cá vail» avisam seguindo adiante, na pressa de manter saudades de tudo que há bastos meses não viam.

Depois, as foveas da retina devolvem ao cérebro imagens da ausência: A cidade nova e turbulenta onde as moradias são gavetas nos muros largos, ou o aduar pacífico, à beira da horta, onde os homens ainda interrompem o trabalho para mandar lembranças ao Céu.

Viajando, às vezes, por mais longe, trazem recordações do Nilo, rio maior que o seu rio, das pirâmides, que são como serras de sal mais altas.

Por fim encontram o mirante da sua afeição. Af trocam impressões, af se refazem deglutindo os seus acepipes leves, af estabelecem o seu programa de trabalhos futuros: consertar o rebordo da janela do quarto que o vento esborcinou, levantar paredes, construir de novo.

A estes recém-chegados em breve se reunirão muitos e muitos, benfeitores da cidade e seu encanto, que não é dos menores. Como freirinhas, trazem sempre o mesmo uniforme. Dizem as pessoas pouco entendidas que vestem de preto, mas, afinal, de branco é que aparecem fardadas. E sobre o vestido branco um manto negro-azulado lhes cobre a cabeça e nele se embrulham.

Com o mesmo à vontade com que as ondas se rebolam sobre o mar elas se lançam no espaço e nele realizam corridas e danças, alegres até à loucura de se verem na terra da sua pátria.

Morrerem de fome, mais que de frio se não tivessem partido por alguns meses. Agora, para sua alegria e nosso bem, ei-las de volta trazendo no seu «cá vail» notícias da Primavera.

Recebê-las com satisfação e protegê-las, é do interesse de todos nós. Cada ave a menos é uma enorme porção de seres prejudiciais ao homem e às culturas que se não destroe.

Calendário

Do nosso prezado comprovinciano e assinante sr. João Viegas Faisca, chefe da Secção de Hipotecas de «A Confidentes», a maior organização do País em propriedades, recebemos a gentil oferta de um interessante calendário para o corrente ano.

Os nossos agradecimentos.

gimento artística e económico! Estas, são também, as razões porque Rafael de Oliveira e os demais artistas da sua Companhia, guardam nos seus corações uma ternura especial pela nossa Veneza Algarvia!

Esta, é também a razão porque, isolados, anónimos numa cadeira do velho Avenida, ali estivemos, saudosamente, a rever a interpretação da «Recompensa», desse grande dramaturgo que foi o Dr. Ramada Curto, que tanto fez vibrar a nossa sensibilidade de apaixonados pelo Teatro, quando, pela primeira vez, a vimos em Tavira, representada por esse extraordinário artista que foi Eduardo de Matos!

Acabaremos esta crónica transcrevendo a opinião do crítico teatral do Diário de Lisboa:

«Em resumo; noite de confraternização entre o público lisboeta e uma companhia de que não há exemplo entre nós à qual o teatro e a sobrevivência do amor pelo teatro muito devem. Noite de festa, de homenagem à Companhia Rafael de Oliveira.

Noite de significado e sentido especiais, noite de justiça feita».

Campeonatos Nacionais da I e II Divisão

1.ª Divisão

Olhanense 0 — Lusitano 1

Duas bolas à trave, dois penaltys falhados e para cúmulo um golo na própria baliza, são notas bem evidentes de que a sorte foi madrastra para os algarvios, no passado domingo. Ninguém pensaria, decerto, que seria a turma alentejana a primeira equipa a sair vencedora no Estádio Padinha. Porém, a bola é redonda, são onze de cada lado e nem sempre (como aconteceu) ganha o melhor. Se o remate de Cava quando eram decorridos 17 minutos não tivesse encontrado a barra da baliza de Vital, estamos certos que o resultado final teria sido diferente. Tal não aconteceu e passado pouco tempo, Alfredo, ao marcar uma grande penalidade, atirou ao lado.

No reatamento ainda mais se acentuou o domínio dos algarvios, mas a sorte fez-lhes sempre neçaças. De novo os visitantes foram punidos com o castigo máximo que Reina apontou, atirando para as mãos de Vital. Pouco depois veio o «duche» para os locais num lance infeliz em que Luciano, por desatenção, enfiou o esférico na sua baliza.

Os eborenses, que até então pouco se aventuravam ao ataque, ainda mais recuaram deixando apenas dois homens na frente. O Olhanense bem procurou o tento do empate que, estando algumas vezes à vista, nunca surgiu. No final, enquanto os alentejanos se abraçavam, os cubistas estavam cabisbaixos lamentando o sucedido. Contrastes do futebol!

2.ª Divisão

Beja 3 — Lusitano 4

Quando os alentejanos marcaram o primeiro golo a poucos minutos do início, logo se pensou que o vencedor estava encontrado. Esta ideia foi tomando volume com o decorrer do encontro e, quando os locais terminaram o primeiro tempo com a vantagem de três bolas, dir-se-ia que os algarvios levariam «pela medida grande».

Porém, no reatamento, deu-se o «volte-facié». Os pombalinos tomaram o comando da partida e aos 27 minutos conseguiram igualar o marcador. A 8 minutos do fim, Barbas, defesa local, introduziu a bola na sua baliza dando assim a vitória aos algarvios que, pela sua tenacidade e espírito de sacrifício, bem a mereceram.

Oriental 1 — Farense 2

O Farense foi a Marvila tirar a desforra do empate consentido oito dias antes no seu campo. Os lisboetas foram os primeiros a marcar mas, os algarvios que nunca perderam o Norte, souberam explorar, em contra-ataques rápidos, as brechas abertas na defensiva local. Os leões de Faro, jogando com calma e saber, saíram vitoriosos deste campo sempre difícil para qualquer equipa, vitória esta que além de lhes garantir dois pontos para a classificação geral, vem moralizar o onze algarvio para o jogo que hoje realizam em Faro contra a Académica, jogo a contar para a segunda mão da Taça de Portugal.

Rui Nobre

Companhia de Pescarias «Barril ou Três Irmãos»

(S. A. R. L.)

Sede em Tavira

Assembleia Geral Ordinária

1.ª a 2.ª Convocatórias

Em conformidade com os Estatutos desta Companhia, é convocada a Assembleia Geral Ordinária, a reunir no próximo dia 4 de Março próximo futuro, pelas 15 horas, a fim de se pronunciar e deliberar sobre os números 4.º, 6.º e 9.º do art.º 14.º dos nossos Estatutos.

Não havendo número legal de accionistas ou capital para poder funcionar a Assembleia, na data acima indicada, fica desde já marcada para o dia 25 do mesmo mês de Março, às horas e local acima indicados.

O Presidente da Assembleia Geral

João Júdice de Vasconcelos

Vinho da ADEGA COOPERATIVA DE TAVIRA

A firma JOSÉ MENDONÇA VIEGAS, com sede em Tavira, na Rua José Pires Padinha, 138 — Telef. 75, participa ao comércio em geral, de que é o actual distribuidor exclusivo deste vinho.

Em garrações, garrafas e barris.

MÁQUINAS DE COSTURA

Na defesa dos vossos interesses, não deixem de consultar os nossos preços que serão sempre de molde a satisfazerem inteiramente, a par da fina qualidade e impecável perfeição. Fazemos grandes descontos aos revendedores e concedemos agências em todo o País.

Importadores e Distribuidores:

JÚLIO NAZARÉ & C.ª LDA.

Rua Correia Teles, 29-A — Telef. 68 99 42 — LISBOA-3

Um Aniversário

Continuação da 1.ª Página

1.095 dias, tantos são os que decorreram nestes últimos três anos, valorizou-a a olhos vistos.

O período em que a cidade esteve mergulhada num sono letárgico, tocando as raíças da descrença e de um indiferentismo mórbido e verificando-se um «volte-fácie» que a leva a adquirir novamente a sua posição de cidade grande que foi em tempos passados, não só nos enche de orgulho como nos leva a acreditar num milagre, e ele realizado pelo espírito varonil e desempoeirado dum novo que chega à «Domus Municipalis» e diz: Basta!

E assim foi que a Escola Técnica, que se reclamava havia mais de uma década, sem quaisquer vislumbre da sua instituição, logo a sua criação se concretizou, trazendo para o nosso concelho a certeza de que as aspirações dos seus habitantes seriam uma realidade: logo a seguir, assiste-se a outra vitória do Presidente do Município: o empréstimo da vultosa importância de 6.500 contos para a expropriação da Horta d'El-Rei, empreendimento esse de grande envergadura que, dentro do seu novo Plano de Urbanização e depois de concluídas as obras de arreamentos e construção da rede de distribuição de água e rede de esgotos domésticos e pluviais, ali será erguida a nova cidade.

Ambicionava-se mais e havia que aproveitar a «hora de Tavira»; pede-se a criação da Comissão de Turismo que, volvidos alguns meses é uma realidade, dando à cidade do Gilão «carta de alforria» para fomentar e explorar o Turismo.

A nossa edilidade não parava, levando o seu prestigioso presidente a solicitar a construção do Palácio da Justiça, no que foi atendido, tendo sido já concedida a importante verba de 2.000.

Quanto à barra e porto de mar da cidade de D. Paio, tinham-se já perdidas todas as esperanças no seu desassoreamento, quando, ei-la novamente aberta ao tráfego marítimo, servindo de maneira eficiente, a classe piscatória local e o seu comércio, tornando-a motivo de alegria para a população do concelho.

A electrificação rural chama a atenção do Presidente do Município, e, assim, vai já dar-se início à instalação de energia no importante aglomerado populacional da freguesia da Luz — Amaro Gonçalves, para o que já foi concedida a participação do Estado, de 423.600\$00, cuja obra está coaputada em 706 contos.

Também já foi pedida a construção da Casa dos Magistrados, que se dará a seguir ao Palácio da Justiça, bem como a dragagem do rio, a construção de blocos de Casas Económicas pelas Caixas de Previdência e as obras de saneamento da cidade.

Isto tudo somado — não será preciso ter o lápis bem aguçado — logo fácil será tirar, não só a prova dos nove como a real, para se concluir que nos três anos de administração da Câmara a que preside o Deputado Dr. Jorge Corteia, se caminhou em tempo e no espaço, aproximadamente 20 anos.

O 25 de Fevereiro de 1959, sem dúvida alguma, uma data que trouxe para Tavira e o seu concelho, a certeza de que nestes próximos anos, as aspirações dos seus habitantes serão uma verdade.

Somos dos que acreditam que assim seja, pois, nisso se empenhará, como até aqui, o nosso conterrâneo e ilustre Deputado, Dr. Jorge Augusto Correia.

Luís Sebastião Peres

Uma Carta

Continuação da 1.ª Página

Pavia de Magalhães; alguém que sempre soube honrar a sua e a nossa querida Tavira. O rastilho lançado, cremos bem, dentro em breve concretizará o pagamento dessa dívida de gratidão que todos nós temos em aberto e não podia ficar no esquecimento.

A Sociedade Orfeónica de Música e Teatro de Tavira que tanto lhe deve, que teve sempre no Prof. Pavia de Magalhães o mais desinteressado amigo e protector, que compungidamente sentiu a sua morte, não pode de maneira alguma ficar na penumbra no menosprezo, no desinteresse, na ingratitude perante tão belo movimento

Apesar de ainda novos, quando bem poucos anos lhe fomos bater à porta, porque dele necessitava esta Sociedade, vimos no velho e já cansado maestro o jovem que encheu de alegria aqueles olhos vivos, no prazer de ser útil à sua terra e que logo, com presteza, calcurreou caminhos imensos, sem consei- ra, procurando solucionar todos os nossos problemas.

Nós fomos dos que vimos, também, professor laureado, o mestre, já ancião, pegar galhardamente — baírristicamente, dizíamos melhor — na sua rabeca e, sob a regência de Sebastião Leiria, dar o inestimável valor da sua honrosa colaboração ao brilhante espectáculo que o Orfeão de Tavira pôs no Teatro Maria Victória de Lisboa, tornando-o muito mais brilhante pela presença do «mestre» ali.

Foram lágrimas de satisfação e regozijo essas que vertemos então perante tão belo gesto do nosso querido homenageado, naquela hora apoteótica em que Tavira, através da bela jornada artística desta Sociedade, foi calorosamente ovacionada.

Também nunca esqueceremos que ficamos devendo à sua influência, às suas intermináveis idas e vindas a gravação do nosso orfeão nos estúdios; a presença dos microfones de Rádio Club Português no Palco da Maria Vitória, para gravação de todo o espectáculo e também subsequente radiodifusão por aquele posto emissor; a colaboração activa na recepção calorosa com que a Casa do Algarve se dignou honrar a caravana orfeónica; nem esqueceremos a persuasão com que soube fazer deslocar ao Maria Vitória tantas e tantas pessoas grandes adentro das lides teatrais e musicais da capital para assistirem ao espectáculo do orfeão da sua terra.

A Sociedade de Amadores de Música e Teatro que não podia ficar indiferente a tão nobre chamamento, responde e chama dizendo:

«Com prazer e honra dou toda a colaboração para a homenagem ao brilhante mestre nosso conterrâneo, o laureado Prof. Eduardo Pavia de Magalhães».

«A feliz ideia lançada pelo «Povo Algarvio» corrobora na certeza de que ela conduz a um acto de inteira justiça para com um Grande Tavirense.»

Agradecendo o favor da publicação destas linhas, somos com a mais dedicada consideração,

De V. etc.

Pela Direcção

João Faustino Nunes Gonçalves

Assinal o «Povo Algarvio»

VENDEM-SE

Dois prédios na Rua Dr. Miguel Bombarda com os n.º 125 e 127, em Tavira.

Recebe ofertas Mário Aurélio Palma, Avenida 5 de Outubro, 58-1.º — Faro.

Notícias Pessoais

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos:

Hoje — D. Maria da Encarnação Parreira Fernandes Ribeiro D. Maria Guerreiro Vaz, meninas Maria Emília Durão Correia Matos, D. Alda Pinto Conceição e os srs. Coronel Jaime Pires Cansado e Artur Eugénio Quaresma.

Em 26 — Srs. Fernando Ventura, Victor Manuel Parra Viegas e Henrique José Pereira Correia.

Em 28 — D. Vitória Maria Gomes Correia, D. Alda da Graça Lopes, D. Alice Baptista Romão Lopes e os srs. Olavo Sesinando Monteiro Baptista e José Eduardo Correia Palmeira.

Em 1 — D. Maria do Carmo Oliveira, menina Maria de Fátima Cruz Bento da Silva e os srs. José Júlio Alves Leandro, Custódio Adrião de Jesus Pires Nunes e Adalberto António Taipas Calapez.

Em 2 — Mlle Maria da Encarnação Justo e os srs. Major Rogério de Campos Cansado, Nuno Falcão Ponce e José Simplicio Octávio Cristina Peres.

Partidas e Chegadas

Em 3 — D. Augusta Lúcia Gonçalves Costa, D. Ana da Luz Rodrigues de Brito, D. Maria Gonçalves Gago Cansado, D. Amabilia Rosa Viegas e Mlle Maria Manuela Lagoas Gaspar.

Partidas e Chegadas

A fim de consultar a Medicina foi à capital com seu filho, sr. Engenheiro Osvaldo Bagarrão, a sr.ª D. Beatriz Bagarrão, esposa do nosso assinante sr. Miguel Francisco Bagarrão, industrial nesta cidade.

Baptismo

No passado dia 4 do corrente, celebrou-se na igreja de Santa Maria do Castelo, o baptismo duma filhinha do sr. Francisco Domingues da Encarnação Martins, vice-presidente da Câmara de Tavira, e de sua esposa, sr.ª D. Maria José das Dores Gutierrez Caeiro Martins.

Apadrinharam a neóita o tio paterno, sr. Augusto da Encarnação Martins, e a sr.ª D. Carolina Maria Lourenço Pereira Caeiro.

Casamento

No passado dia 4 do corrente celebrou-se em Loulé o enlace matrimonial da sr.ª D. Rosa Maria Silva Martins, preñada e gentil filha do nosso conterrâneo sr. Vasco Camilo Martins, agente comercial, residente em Loulé e de sua esposa sr.ª D. Fernanda Laginha da Silva Martins, com o sr. António João Galvão de Sousa Leal, filho do sr. António de Sousa Leal, comerciante em Loulé, e de sua esposa sr.ª D. Luisa Galvão de Sousa Leal.

Paraninfirmaram o acto por parte da noiva, a sr.ª D. Zulmira Barradas Carreira e, por parte do noivo, o sr. professor Cruz Filipe.

Ao jovem casal que seguiu em viagem de núpcias para o Norte do País, desejamos muitas venturas.

Necrologia

António Guerreiro Calço

No passado dia 17 do corrente faleceu nesta cidade o sr. António Guerreiro Calço, de 57 anos de idade, negociante.

Era casado com a sr.ª D. Maria Luisa Calço e pai das sr.ªs D. Maria Antonieta Guerreiro e D. Maria José Guerreiro e do sr. Armando Madeira Guerreiro e sogro da sr.ª D. Maria Edite Vargues Guerreiro e dos srs. José Francisco Afonso, aspirante de Finanças e Sebastião António da Conceição.

O seu funeral foi bastante concorrido.

A família enlutada endereça-nos sentidos pêsames.

CASA

Vende-se uma, na Rua da Silva, n.º 11.

Nesta Redacção se informa.

Promoção

Foi promovido ao seu actual posto o sr. Sargento-Ajudante Francisco de Carvalho Paula, que presta serviço no Quartel desta cidade.

Por tal motivo endereçamos-lhe as nossas felicitações.

Arrenda-se ou Vende-se

Uma propriedade grande no sítio do Almargem, Conceição de Tavira, com diverso arvoredo, nora com motor, com abundância de água, casas de habitação e vivend, ramadas, palheiro e outras dependências para gado e muita terra para regadio e sequeiro.

Quem pretender dirija-se a António André, sítio do Pero Gil — Tavira.

Pela
Província

Luz de Tavira

Necrologia — No passado dia 27 Janeiro faleceu nesta localidade a sr.ª D. Antónia da Luz de Freitas Graça, de 91 anos, viúva, residente no sítio da Igreja.

Era mãe do sr. Henrique Gago da Graça, abastado proprietário e residente em Lisboa, e sogra da sr.ª D. Caetana Lopes Graça.

Era ainda avó do sr. José Lopes Gago Graça, estudante de medicina, casado com a sr.ª D. Maria Helena dos Santos Ferreira da Graça também residente em Lisboa.

Era também bisavó da menina Helena Maria Ferreira da Graça e do menino Henrique Ferreira da Graça.

No seu funeral para o Cemitério desta freguesia incorporaram-se numerosas pessoas. A família enlutada apresentamos as nossas condolências. — C.

PORTUGUESES

PRIMEIRO QUE TUDO

Continuação da 1.ª Página

de tal caminho se afastou — acentuou a concluir — não poderá deixar de merecer mais cedo ou mais tarde a maldição da História.

Bom foi que o sr. Ministro das Corporações tivesse distinguido alguns trabalhadores dirigindo-lhes as palavras tão ressumantes de patriotismo e fé que aí ficam. Bem as merecem os nossos trabalhadores portugueses que nesta hora grave e trágica da vida nacional tão bem têm sabido cumprir o seu dever.

E dizemos assim porque nesta viragem impar da História-Pátria a Organização Corporativa pode justamente orgulhar-se de ter sabido formar, mercê dos seus superiores princípios morais e espirituais homens capazes de estar à altura das suas responsabilidades no momento em que tudo é necessário dar pela Pátria.

São trabalhadores de Portugal na sua grande maioria os soldados que heroicamente se bateram em Angola contra as hordas terroristas e, vigilantes, continuam a tudo dispostos, para defender a sobrevivência da Pátria, na defesa da grande e pacífica província da nossa África ocidental.

São trabalhadores de Portugal os soldados que ainda nesta hora sofrem os horrores da prisão, vítimas da selvajaria bruta dos selváticos e desumanos bandos terroristas do terrorista e execrando Nehru.

E são também trabalhadores de Portugal esses que por todos os meios ao seu alcance procuram neste momento afirmar a sua solidariedade à Pátria ferida, enchem os nossos templos erguendo a Deus as preces amarguradas de toda uma Nação de luto.

São trabalhadores de Portugal os que engrossam e avolumam as grandes e patrióticas manifestações com que o país tem sabido afirmar o seu protesto ante as arremetidas dos nossos inimigos quer os que se acoitam à roda das mesas das mais que suspeitas sessões da O.N.U.

Se neste momento a Pátria tem de agradecer a todos os seus filhos — excepção feita a uma ínfima minoria que não conta — à frente de todos deve colocar os trabalhadores que têm sabido e continuam a ser os melhores e mais patrióticos defensores da integridade nacional.

Bem hajam eles e bem haja a Organização que pôde fazer de massas, tantas vezes, por mal conduzidas, revolucionárias, frente autêntica de portugueses, escola viva de portugalismo.

HOMENAGEM

AO

Prof. Pavia de Magalhães

Continuação da 1.ª página

publicado no último número do nosso jornal, com as seguintes frases: «É bom que a cidade de Tavira receba bem a ideia lançada por Sebastião Peres nas colunas deste jornal, de render homenagem pública ao músico brilhante e extremoso filho desta terra, que foi o Professor Eduardo Pavia de Magalhães».

O assunto posto desta forma poderá levar a supôr-se que a ideia da manifestação póstuma, que se pretende levar a efeito, partiu de Sebastião Peres, quando de facto isso não aconteceu.

No número 1.377 do «Povo Algarvio», de 27 de Novembro de 1960, quando noticiámos a morte deste ilustre conterrâneo, formulámos logo à Câmara Municipal o pedido de que fosse dado o seu nome a uma das artérias da nossa terra.

Em 11 de Dezembro do mesmo ano voltámos ao assunto, sugerindo que fosse colocada uma lápide na casa onde nasceu, no velho Largo da Alagoa, hoje residência do sr. Francisco Martins.

Alvitramos também que se promovesse um sarau musical de homenagem ao saudoso e insigne artista e no qual certamente não se negaria a colaborar sua filha, a laureada professora do Conservatório, sr.ª D. Isaura Pavia de Magalhães e seu esposo, o distinto cantor Dr. José Lisboa, exímios artistas que o público tavirense ainda não teve o prazer de aplaudir nos palcos da sua terra.

Portanto, a ideia a ora de novo ventilada por aqueles nossos prezados colaboradores veio reforçar aquilo que já dissemos, o que muito nos rezoija.

Julgamos que o nosso Município apoiará inteiramente a manifestação que se projecta. A data mais indicada seria a do próximo aniversário do seu nascimento e, salvo melhor opinião, uma vez que a praça onde nasceu já tem o nome de outro ilustre tavirense — o do Dr. António Padinha — que o seu nome fosse dado a uma das ruas que lhe dão acesso e essa seria a Rua da Porta Nova, cujo nome não tem qualquer significado histórico nem referência a figura prestigiosa do passado.

Parece-nos que o assunto, pela forma como tem sido tratado e pelo calor já exposto no mesmo, deveria merecer umas palavras de público apoio da nossa edilidade.

Parece-nos que também não faltarão à chamada a Empresa de Espectáculos Tavirense, Sociedade Orfeónica, Banda de Tavira e outras colectividades artísticas e recreativas locais, de quem o Professor Pavia de Magalhães sempre fora um devoto amigo.

Aguardamos, pois, que as entidades em causa se manifestem, para que Tavira em breve cumpra essa dívida de gratidão pela memória de um dos seus mais lídicos e saudosos filhos.

Objectos Achados

Encontra-se depositado no Posto da Polícia de Segurança Pública desta cidade, um porta moedas e um par de luvas que serão entregues a quem provar pertencer-lhe.

O livro «VERSOS», do Poeta Isidoro Pires, encontra-se à venda na Redacção do «Povo Algarvio»

ENTARDECE, serenamente. O Sol apeia-se do apogeu, onde brilhará, como trapezista, no mais arriscado número aéreo que jamais «chapitton» de circo ousara cobrir. Continua a descer, no seu fato de fogo, desse equilíbrio, em serenidade, ante o delírio da apoteose. É o fim do dia e da «matinée»... Apenas ele — o «clou» do espectáculo — recebe ainda as homenagens finais, como um astronauta que fez órbita e vai cair no mar, já histórico, já glorioso — maior de todos! A baía — a baía imensa — tem os olhos no artista. Uns olhos que esplendem, em fogo, um mosaico de ouro. Em «suspensão», segue a trajetória do astro equilibrista. Traja dum azul velho, mas lindo e vai recebê-lo com orgulho e admiração num abraço carinhoso desenhado por Belon.

por António Augusto Santos

A tarde não podia ser mais polícroma, mais maravilhosa, mais «tecnicolor». Dir-se-ia idealizada por Cummings. Enamorada, a baía sonha... Nem uma ruga sequer a dar-lhe o mais leve estigma de ondulação. Os barcos deslizam para a pesca, às dezenas. Vão de mãos dadas, numa prece por uma pesca fértil, sulcando essa lagoa adormecida, lânguida, sonhando com Apolo...

Dos barquinhos, velas enfundadas, lembram pombas mansas e imensas que debandam do pombal da costa, por uma mansegem de amor... à faina da pescaria. Na sua descida de gigante, o Sol metaliza-as numa chapada de luz morna, umas após outras, como se as abençoasse a todas num gesto santificado. Lá vão! Todas têm um nome... «Senhora da Hora», «Deus te guie», «Clarinha», «Senhora da Agonia»... «Boa Viagem»... E todos os seus nomes, demandando a baía, lembram uma prece em unísono — uma peregrinação rumo aos confins do azul e do horizonte.

É vê-las, formosas, na graça de cisnes garbosos, pintados de jaspe e ouro. Cada vez se convertem mais em miniaturas de «bric a brac»... Apenas as velas se dividam, já sublinhadas por um arabesco de espuma. Lá vão, cada vez mais distantes, ganhando mais o horizonte na sugestão dos que ficaram no cais.

Continuo a olhá-las... Agora desenham estranhas ameias brancas, sobre a linha azul, lembrando uma seita de «Klu Klux Klan» que procuram a noite, para se reunir secretamente. O sol ajoelha sobre o horizonte, numa imagem de Del-fim loiro que brinca com os seus barquinhos e vai esperá-los na outra extremidade da baía, para os recolher recesso que algum se afunde e se perca... É o seu contra-luz enegrece-os. Começa a deixá-los ver sobre uma superfície dum azulado forte, nuns apontamentos a carvão — quase esquisitos... E as velas que eram «Klu Klux Klan», são agora nazarenos que marcham para a noite, pela devoção de Jesus del Grand Poder, em procissão lenta, silenciosa...

Faetonte terminou a sua brincadeira, e as velas vão desaparecer para a poesia do poente... A noite começa a advinhar-se, como receptora da mensagem dessas velas e vai envolvê-las todas no seu manto ne-

Férias para trabalhadores

A F.N.A.T. no desejo de proporcionar aos trabalhadores de menos recursos a possibilidades de utilizarem as Colónias de Férias, cria um período extra de funcionamento nas suas Colónias, de 25 de Abril a 28 de Maio, em turnos de dez (10) dias.

1.º turno, de 25 de Abril a 4 de Maio; 2.º turno, de 7 a 16 de Maio; 3.º turno, de 19 a 28 de Maio.

O preço das diárias, por adulto, é de Esc. 15\$00, paganda as crianças Esc. \$90, por cada ano de idade, até aos 12 anos, inclusive.

Para usufruir desta nova modalidade é condição indispensável ser beneficiário das Caixas de Previdência ou sócio das Casas do Povo e Casas dos Pescadores e cujo vencimento não ultrapassa a importância de Esc. 1.750\$00 mensaie

É facultado a estes beneficiários um desconto de 40% nos bilhetes de caminho de ferro, da localidade aonde habitem para qualquer das Colónias e regresso.

Os beneficiários das Caixas de Previdência e beneficiários da F.N.A.T. com vencimento superior a Esc. 1.750\$00, podem também inscrever-se condicionalmente para as vagas que resultem, pagando os adultos a diária de Esc. 25\$00 e as crianças a de Esc. 1\$80 por cada ano de idade até aos 12 anos inclusive.

Os boletins de inscrição podem ser requisitados à Sede da F.N.A.T. e suas Delegações, sendo também enviados pelo correio àqueles beneficiários que os solicitem.

gro de Mater Dolorosa. O alaranjado resfria. O vermelho pisa-se dum roxo macerado. Primeiro os verdes hesitantes; depois os sulfurosos abstractos... Anoitece. Agora, o fundo é uma tela abstracta...

O imenso curso de estrelas apronta-se, nos seus «lâmbes» para o grande número da «soirée». Latona, dum pálido expesso de figura balética, dá os últimos retoques de tom geral. A noite cresce em panejamentos de veludo melancólico, mudando de cenário, como aráuta do grande espectáculo. Das velas... apenas uns pontos de luz se avistam, em longas reticências escritas no negro, num rosário de luz feito de contas sem conto. O que ainda agora era infantilidade, poesia é agora incerteza, estóicismo.

A Lua assoma do seu balcão para contemplar a faina... As redes abrem-se à pescaria, como se fossem dispostas para salvar-guardar o arriscado equilíbrio

GAZETILHA

Um Baile Carnavalesco

*Domingo Magro, que azar!
E não consegui dançar
No baile carnavalesco!
Vi por lá muito truão,
Mascarado de harpagão
Mas com aspecto dantesco...*

*Sem que represente ultrage,
Cada qual enverga o traje
Da sua predilecção.
Para entrar no régabose
Pois há quem vista à Kruschef
À César ou Napoleão...*

*O Entrudo perdeu a graça
E o seu velho ar de chalaça
Por isso não vale nada;
Vestido à Kasavubu
Ou com manto de Nehru
Não alegria a mascarada.*

*Depois, dançou-se o corrido,
Sem graça, sem alarido,
Sem palmas nem ovação.
Talvez p'la entrada imprevista
De imagem nunca aqui vista:
A D. Televisão.*

*Mesmo sem mostrar o rosto
Há quem não perca o bom gosto
Nem o sorriso estarola,
Pois fez-me andar intrigado
Embora sem resultado,
A tál D. Totobola...*

*Porém, em contrapartida,
Vi lá toda delambida
Com o tronco quase nu,
Uma máscara, coitada!
Muito russa, muito usada,
Dizem-me que era a O.N.U...*

Zé da Rua

Associação de Assistência à Mendicidade

Donativos recebidos: Da Câmara Municipal, 13 litros de azeite; D. Adelaide Pires Rico, diversas peças de vestuário para crianças; D. Josefa Henrique Bernardo, 5 quilos de batatas, 5 quilos de pão e 2 litros de azeite; D. Maria da Purificação de Mendonça Palermo, Esc. 300\$00; do sr. José dos Santos Gonçalves, 1 cabaz com laranjas; Herdeiros de João Baptista Carvalho, tabaco; do sr. Daniel da Cunha Dias, tabaco. De Anónimos: 60 quilos de figo, 2 quilos de banha, 2,5 quilos de carne de porco, 5 quilos de banha, 20 cabazes com tangerinas, 100 litros de grão.

Rectificação

Por um lamentável lapso de composição vieram truncados os nomes das pessoas que subscreviam o agradecimento publicado no nosso último número, referente ao desastre ocorrido com a menina Maria Teresa Andrade Ferreira, pelo que pedimos desculpa aos interessados da ocorrência absolutamente alheia à nossa vontade. Os nomes que deveriam figurar eram os seguintes:

Maria Teresa Andrade ferreira
Maria Sebastiana Andrade ferreira
Damião José Afonso ferreira

de Latona, que bisa o número do Sol...

Procura-se «prata» nessa mina inesgotável, que é o mar. Prata! E os da pesca, na miragem da prata, lutam até ao amanhecer pelo peixe para a lota, até que Faetonte disperse do longo sono e lhes ilumine a hora do regresso.

E a costa que se perdeu de vista para os pescadores e os barcos que se mergulharam no naufrágio da noite, são como dois ausentes, sem saber qual o mais ausente... Duas interrogações que avultam tanto mais se interrogam.

A alvorada surge em tons mais suaves, nas mesmas tintas do fim dum dia. Alar das redes!!! Os esforços e a cantata corjugam-se como o aço e a pressão para vencerem a resistência, pelo desenterrar desses sacos de rede das profundezas marítimas. Vêm cheios! Cheinhos!!! O peixe salta à flor do azul e do luar. Vêm cheios de prata que não tardará em ser ouro... quando o milagre do dia doirar o pescado.

Oiro pescado em sacos de prata. Oiro que vivia sob o azul...

Semana Astrológica

pelo Astrólogo Leiria

de 25 de Fevereiro a 3 de Março de 1962

CARNEIRO Júpiter na 11.ª casa solar. Passiose entrevistas com amigos que vos podem ser úteis e com ideias interessantes. A posição deste planeta é favorável para tratar com advogados sobre assuntos judiciais. Mudança na vossa situação financeira.

TOURO Os lunares estão na 8.ª casa. Pressão da morte de parentes em 1.º grau. Possíveis heranças, testamentos, relações financeiras bem sucedidas. É necessária muita atenção na condução dos vossos negócios, e em particular com amigos de alta influência.

GEMEOS Vénus transitada na 9.ª casa solar. Possibilidades de sucessos vantajosos, mas é conveniente limitar as suas ambições para evitar decepções. Evitar as manifestações amorosas, que vos podem causar perturbações desagradáveis.

CARANGUEJO Bom período para tratar de negócios privados que serão geralmente satisfatórios. Sucessos em assuntos amorosos e sentimentais. Cautela com os gastos supérfluos. Ponha o seu orçamento em dia.

LEAO Vantagens concretas que poderá ter no decorrer deste período, se souber agir com diplomacia. Cautela com os excessos de alimentação.

VIRGEM O nato é possuidor duma inteligência esclarecida e pode atingir, uma posição brilhante nas artes. É conveniente não alterar a ordem estabelecida dentro dos seus domínios comerciais ou industriais. Evitar as polémicas e contradições com superiores e amigos sob pena de comprometer a sua situação. Seja cauteloso com despesas fúteis.

BALANCA Evite e afaste-se das pessoas que não lhe mereçam confiança nem simpatia, porque lhe podem causar sérios aborrecimentos. Este período prevê discórdias familiares. Como Neptuno se encontra dentro da 2.ª casa solar é necessário controlar todos os vossos actos para não ter que lamentar coisas desagradáveis. Cautela com as ideias filosóficas e utopistas, que não passam de uma simples quimera.

ESCORPIAO Muita prudência nas suas manifestações geniosas e evite a desforra e os conflitos, porque está sujeito a traições de amigos. Este período não é favorável, sobretudo na sua vida particular, e desfavorável para regular diferendos opostos com certas pessoas.

ANUNCIAL no «Povo Algarvio»

INSTITUTO DE BELEZA «JUSTINA»

Rua Dr. Miguel Bombarda, 21 - Telefone 269 - TAVIRA



Nas suas modernas instalações executam-se prontamente os mais exigentes trabalhos. Na confecção dos novos modelos de penteados é necessário arte e bom gosto. Recomenda-se uma visita ao modelar Instituto de Beleza JUSTINA

Instituto de Beleza Adélia e José Francisco



Rua D. Paio Pires Correia, 27 - 1.º Dt.º

TAVIRA

Inaugurou o seu modelar estabelecimento e por isso convida as Ex.ªs Senhoras e Meninas tavienses, a uma visita às suas instalações para apreciarem as últimas criações de Cortes e Penteados Parisienses. Uma nova técnica ao serviço duma aparelhagem ultra moderna. Escolhido sortido de Tintas e Perfumes